

RESENHA

Resenha

PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade*. Texto e Contexto. São Paulo, Livr. Duas Cidades, 1991.

Resenhado por: Francisco da Silva Borba
(UNESP- C. Araraquara-SP)

Maria Helena de Moura Neves
(UNESP- C. Araraquara-SP)

Reunindo as anotações para uma possível gramática da fala brasileira e respigando acurada e pacientemente os escritos de Mário de Andrade (M.A.), Edith Pimentel Pinto (E.P.P.) tenta reconstruir e interpretar o pensamento do autor sobre o funcionamento da linguagem, bem como suas opiniões sobre gramática e gramáticos, e sua postura em relação ao português falado no Brasil.

No livro de EPP, a *Gramatiquinha* não vem montada hipoteticamente a partir dos subsídios que as obras divulgadas de MA oferecem, mas tem base em originais do autor expressamente destinados à composição de uma obra de tal natureza, completando-se a coleta com as notas que ele após a obras de caráter lingüístico, especialmente a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, de Said Ali.

O texto de EPP desenvolve-se a partir do discurso sobre gramática que MA produziu num segundo momento de idealização de sua *Gramatiquinha*. Esse momento representa a opção por uma obra marcada por direção específica, norteadas por plano próprio que, afinal, não foi cumprido, razão pela qual a *Gramatiquinha* não chegou a ter existência real. Esse resgate opera, agora, nossa autora, que monta "o que poderia ter sido a *Gramatiquinha* se o plano esboçado fosse mantido" (p.13). Tarefa ousada e perigosa. Uma "aventura", como reconhece ela ao apresentar sua proposta. (p.11) Basta atentar para a natureza das anotações que serviram de base ao estudo aqui examinado: notas (de certo modo) desordenadas, não articuladas em temas, não regidos por um roteiro, redigidas, muitas vezes, em paralelo - e não em subordinação - a determinadas rubri-

cas registradas. Acresça-se a isso, a heterogeneidade da motivação dos documentos existentes para exame: notas redigidas sobre determinados fatos de gramática, cartas e bilhetes de MA, e também apócrifos e alheios, artigos recortados de jornais, além da marginália já citada.

E que resulta da aventura?

Temos um estudo recortado em três partes maiores. A primeira (p.11 a 38) informa especialmente sobre as condições em que o trabalho se realizou, o material utilizado na pesquisa, as normas adotadas.

A segunda (p.41 a 102) começa pela motivação de MA na idealização de sua *Gramatiquinha*, motivação determinada pelo desejo de uma sistematização das normas brasileiras que não se fizesse em correspondência com os ideais dos gramáticos de até então. Em seguida, trata da concepção da *Gramática da Fala Brasileira*, de MA, e de sua preparação. Concebeu-a ele como uma obra "de ficção" (p.60), como parte de um "projeto estético-ideológico" (p.283), não uma obra técnica; projeto cujo objetivo seria forçar o reconhecimento dessa variedade brasileira da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, credenciar seu uso para fins literários. Descartava-se o prescritivo, e o terreno se definia entre o descritivo e o filosófico. Falar e escrever certo seria entendido como nada mais nada menos do que não trair o uso geral, não atentar contra a tradição coletiva. A preparação da obra, por sua vez, implicou estudos específicos de questões de linguagem e de língua, da parte de MA, como provam documentos que vêm examinados. Aponta-se, especialmente, a obra de Said Ali como modelo escolhido para ser utilizado com propósitos inovadores.

A terceira parte (p.105 a 280) dá conta, passo a passo, de todo o material selecionado para compor cada capítulo da *Gramatiquinha*. A ordem escolhida é a mesma que consta de qualquer de nossas gramáticas pedagógicas - do som ao sentido -, isto é, fonologia, lexeologia/ morfologia, sintaxe e estilística. Cada uma dessas partes maiores comporta subdivisões, também essas acordadas à nossa tradição escolar, ou seja: na fonologia, a fonética, a prosódia e a ortografia; na lexeologia, as partes do discurso; na sintaxe, as considerações sobre a frase; e na estilística, questões ligadas ao verbo, à figuração e aos vícios de linguagem. Para cada um desses itens, EPP não só descobre a orientação ou a motivação de MA, como tenta avaliar o que encontrou. Assim, na fonologia, faz as devidas restrições às notas de MA, como por exemplo, nas referências à confusão de conceitos (p.116), deixando, entretanto, de lado, contradições também pertinentes, como considerar irrelevante a diferença prosódica entre os falares brasileiros (p.107) e avaliá-los como marcados por uma variedade enorme de inflexões (p.117). Ao final, conclui acertadamente pelo despreparo de MA para enfrentar o assunto, a despeito de sua intuição para a

observação de fatos lingüísticos. (p.119)

A Lexeologia é a parte que apresenta maiores dificuldades de interpretação, dado o caráter fortemente impressionístico das anotações do autor. Lembra EPP que a concepção lexeológica de MA destoa dos moldes correntes da época, mas se aproxima das propostas de Said Ali, que lhe fornecem um plano para o desenvolvimento da matéria (p.147). Atribui a diferença que MA estabelece entre palavra e partícula a uma concepção "a um tempo lógica e psicológica ou psico-sociológica da gramática" (p.148). O que se pode dizer, porém, é que os textos da Gramatiquinha não autorizam inequivocamente essa configuração, apresentando, mais que tudo, uma pretensão de orientação psicológica, a julgar pela insistência em tal rótulo, que a própria autora aponta (p.155, p.200, e também a epígrafe à sintaxe - p.198).

A par de prover uma cuidadosa colação de textos, para maior rigor interpretativo, ao longo de todo o capítulo, que, é verdade, reúne considerações muito heterogêneas e extremamente pessoais (ex.: o substantivo é uma entidade qualificativa - p.356; o verbo é uma entidade acionada, vitalizada - p.356), EPP deixa, às vezes, de acentuar algumas intuições interessantes de Mário (ex.: a frase como verdadeira unidade de fala - p.159; mobilidade do léxico e a fugacidade das gírias populares - p.183).

Quanto à sintaxe, EPP mostra como, ao contrário do que se esperaria, não mereceu ela grande consideração por parte de MA. Isso, talvez, tenha ocorrido porque a maioria de suas notas é impressionística e intuitiva e, assim, registram elas o mais evidente ou mais perceptível, que é o que está na fonética e na morfologia (af incluído o léxico). De qualquer modo, EPP salienta que o maior interesse de MA não era propriamente explicar o fato gramatical, mas configurar o uso brasileiro em todos os níveis (p.205).

Na Estilística as dificuldades interpretativas se acentuam porque nada se encontrou que permitisse inferir o que MA entendia por estilo e estilística. É o que pode levar-nos à conclusão de que ele estava mesmo interessado em incorporar à língua literária os vários níveis de variação lingüística do Brasil, intuindo que é realmente a oralidade que vivifica a escritura. Nisso MA é pioneiro.

Nas **Convergências** (p.282-294) faz-se um balanço geral do projeto de MA. E esta parte ratifica a opinião que se vai formando à medida que progride a leitura do livro de EPP - uma obra indispensável, pela sua clareza e precisão, a quem queira obter conhecer a atuação de MA e sua posição na cultura brasileira. É material altamente confiável não só pelo preparo filológico da organizadora mas, ainda, pela sua visível sensibilidade e acuidade para interpretar opiniões dispersas nos mais variados

tipos de anotações.

Pelo cuidado evidente do preparo, esta obra de Edith Pimentel Pinto deixa ao leitor a certeza de que ficam definitivamente estabelecidas as concepções de língua, de linguagem e de gramática com que operou Mário de Andrade.